

# Suplemento Cultural

## Oliva Enciso – Educadora... Humanitária... Literata... ou “Irmã de Caridade”? (Pelo Dia Internacional da Mulher)

GERALDO RAMON PEREIRA

Sempre que evoco o semblante sereno e místico da saudosa acadêmica Oliva Enciso, sua imagem me vem misturada a de duas outras excepcionais mulheres: Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce.

A primeira, também conhecida como Beata Teresa de Calcutá, nasceu na Macedônia, em Skopje, filha de pais albaneses, numa família de três filhos, duas moças e um rapaz, no dia 26 de agosto de 1910. Curiosidade: considerava o dia 27 de agosto, data em que foi batizada, o dia do seu “verdadeiro aniversário”. Agnes Gonxha Bojaxhiu – seu nome de registro – começou a fazer votos aos 18 anos nas Irmãs de Nossa Senhora de Loreto, na Irlanda, onde viveu por pouco tempo. A serviço dessa congregação, já na Índia, na qual se naturalizou, trabalhou como professora no primeiro lar infantil ou Sishi Bavan (Casa da Esperança), fundada em 1952, e juntou-se ao “Lar dos Moribundos”, em Kalighat. Fundou a congregação “Missionárias da Caridade” e alguns a chamam “Santa das Sargetas”.

Nossa Oliva Enciso, analogamente, também calorosa cristã católica, tornou-se abnegada professora dos menos favorecidos, entrou na política para angariar recursos que eram destinados à melhoria da educação, saúde e condições de vida das classes mais necessitadas. Transcrevo, a seguir, a feliz síntese biográfica escrita pelo confrade Rubenio Marcelo, em artigo congênere, destacando alguns dos grandes feitos socioeducativos da singular cidadã Oliva Enciso:

“Nascida em 17 de abril/1909, na Fazenda Taquaral (Corumbá), Oliva Enciso veio aos 14 anos de idade para Campo Grande, onde realizou seus estudos. Chegou a frequentar (em 1930) a Faculdade Nacional de Medicina do RJ, mas logo retornou à Cidade Morena, onde, em 1934, foi diplomada Normalista pela Escola Normal Dom Bosco. Em 1940, fundou a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, na qual trabalhou no atendimento aos carentes. Em 1945, empenhou-se na criação do Senai, tornando-se precursora da Educação Profissional no Estado. Foi a primeira vereadora de Campo Grande (1955/59) e também a primei-



(FOTO: RUBENIO MARCELO)

**SAUDOSA ACADÊMICA OLIVA ENCISO (1909-2005)** – poetisa, educadora, filantropa, empenhou-se na criação do Senai e fundou a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

ra mulher deputada em MT (1959/63). Ao lado de Inah Machado Metello, Henedina Hugo Rodrigues e Profª Glorinha Sá Rosa, Oliva Enciso pertenceu ao primeiro quadro feminino da nossa Academia de Letras (já em 1971) – ocupou a Cadeira nº 22 da ASL.”

A imagem doce, impregnada de ares maternos para com os filhos de to-

dos, um sei quê de sacerdotal, da singular Oliva Enciso, me leva também a lembrar a figura divinizada de Irmã Dulce, esta nossa conterrânea brasileira, que nasceu em Salvador-BA, no dia 26 de maio de 1914. Contemporâneas, mas por meios diferentes, Oliva Enciso através do magistério em sacerdócio, da implementação de estratégias ativistas para minorar a injustiça aos que sofrem; Irmã Dulce e Madre Teresa pelo trabalho missionário em asilos, hospitais e favelas, a tráfede abnegada visava ao mesmo fim: proporcionar vida digna, igualitária e mais humana para todos. Daí eu miscigená-las no fervor da minha admiração e respeito. É como se constituíssem a “santíssima trindade” da fraternidade, do amor e da caridade aos mais humildes.

Madre Teresa de Calcutá teve o reconhecimento do mundo pelo seu labor humanístico-caritativo com o Prêmio Princeton, em 1973, e com o Prêmio Nobel da Paz, no dia 17 de outubro de 1979, vindo a morrer em 05 de setembro de 1997 (aos 87 anos). Foi beatificada pela Igreja Católica em 2003. Irmã Dulce (Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes) foi beatificada em Salvador, no dia 22 de maio de 2011, e passou a ser reconhecida como Bem Aventurada Dulce dos Pobres. Anteriormente, em 20 de outubro de

“

A imagem doce,  
impregnada de ares  
maternos para com os  
filhos de todos, um sei  
quê de sacerdotal, da  
singular Oliva Enciso,  
me leva também  
a lembrar a figura  
divinizada de  
Irmã Dulce (...)

1991, recebera no convento, em seu leito de morte, a visita do Papa João Paulo II, que a ungiu com sua bênção e extrema-unção. Irmã Dulce veio a falecer no dia 13 de março de 1992.

Diva interiorana ou heroína anônima, a eclética missão sócio-humanitária de Oliva Enciso sói ser também reconhecida por todos aqueles que a conheceram e conviveram com ela, ou mesmo seus pósteros, que a conheceram pelo bem que semeou, sendo suas poesias e crônicas o testemunho incontestado do seu amor universal, sublimidade espiritual e transcendental sensibilidade. Poderíamos cognominá-la “Missionária do Pantanal”, ou simplesmente “Deusa do Amor Fraternal”, sem medo de errar em nossa gratidão. Tenho certeza de que, ao adentrar os Céus, Deus, bonachão, poetou, num sorriso:

– Santa Oliva Enciso!  
Seja bem-vinda...  
O amor celeste  
Jamais se finda!  
Não carece ela, portanto, de títulos e honrarias terrenas: já foi canonizada por Deus!

Oliva Enciso mudou-se (de Campo Grande) para a Eternidade em 30/06/2005, deixando publicadas várias obras literárias (poesias e crônicas) e muita saudade.

### POESIAS

#### RAINHA MULHER

Rainha de universal beleza  
Mãe  
Filha  
Sogra  
Plena senhora  
Das convicções modernas  
Vencedora das indiferenças

Administradora  
Advogada  
De sentimentos nobres  
Sonhos e utopias  
Musa e paixão  
Na mesma senda do amor

Desejo gerando a humanidade  
Educando gerações  
Embalando sonhos  
Gerando memórias  
Construindo histórias  
No caminho da luz

A mulher conquistou  
E deverá manter  
Estas vitórias

O homem ainda precisa aprender  
A respeitar o ser humano que gera  
E permanece ao seu lado  
Na missão de edificar  
Os sonhos mais belos  
Para que o amor enfim  
Seja partilhado compreendido  
No todo da experiência  
De humanidade...

GUIMARÃES ROCHA

### SÓ A LEMBRANÇA CURA...

Está entardecendo  
a minha louca existência...  
Nas folhas de outono  
dos meus dias bem vividos  
tropeço com frequência,  
chegando aos meus ouvidos  
um grito sonolento, em abono  
de que já estou me envelhecendo...

Juventude de amores,  
como todos:  
passatempos, ilusões, patriotismo,  
parodiei um samba, fiz poesia...  
Ternos engodos,  
que enchem uma alma vazia,  
buscaram com fanatismo,  
no infinito, os meus olhos sonhadores.

LEAL DE QUEIROZ

## Elisa – Matriarca de uma família de seis filhos homens

RAQUEL NAVEIRA

Encontro o dono da livraria com a netinha nos braços. Pergunto qual o nome dela e ele responde: – Elisa. Elisa, nome de mulher forte, de rainha, penso eu. Era o nome de minha sogra, bela-vistense da fronteira do Paraguai, personalidade ao mesmo tempo doce e firme, matriarca de uma família de seis filhos homens, que a respeitavam com admiração. O nome pertencera à sua madrinha e tia, pessoa de fibra e boas amizades.

E houve Elisa, a rainha de Cartago, a musa do poeta Virgílio em seu livro épico, a Eneida. Elisa é também chamada pelo apelido de Dido. Chegou à costa da África, fugindo de seu irmão, o ambicioso Pigmalião, que matara o esposo dela, Siqueu, para roubar-lhe os tesouros. Tencionava eliminar a própria irmã. Dido é avisada em sonho e consegue escapar com alguns nobres e servos dedicados pelo mar alto.

Na Líbia, recebem-na em paz. Quando pediu aos nativos para ali se estabelecer, eles lhe ofereceram a área que o couro de um boi pudesse abranger. Ela então cortou o couro em tiras fininhas e dirigiu-se para o campo. Estendendo-as no chão, delimitou um vasto território, onde fundou uma cidade: Cartago.

O príncipe Eneias, sobrevivente da guerra de Troia, aporta em Cartago. Dido oferece-lhe um banquete no pa-

lácio e ouve suas aventuras. Dominada pela deusa Vênus, apaixonou-se por Eneias. O amor intenso de Dido e Eneias é vigiado por duas deusas rivais: Juno e Vênus. Durante uma caçada, Juno provoca uma tempestade. Os dois jovens buscam refúgio na mesma gruta e se entregam um ao outro.

A deusa Fama, hoje chamada Fofoca, veloz, espalha a notícia pela cidade. Sopra no ouvido de todos que Dido não se ocupa mais do reino e só se dedica ao amante, cobrindo-o de favores e presentes.

A inveja e o ciúme não tardam. Jarbas, rei da Getúlia, que amava Dido e fora desprezado, não suporta ver seus sonhos desfeitos e pede ao deus Júpiter o fim daquele romance. O deus dos deuses atende a súplica ardente de Jarbas e envia a Eneias um mensageiro, o deus Mercúrio, que ordena ao herói que saia imediatamente de Cartago. Avisa que Eneias fundaria um reino grande e poderoso em terras romanas, na Itália.

Eneias, angustiado, não sabe como dizer aquela mulher perdidamente enamorada que ele tem uma missão maior e que precisa ir embora. Prepara escondido a sua partida. Elisa, chorando muito, tenta convencê-lo a ficar, mas ele se mantém implacável. Nada mais resta a ela senão um amor desfeito e um reino em ruínas. Não suportando a ausência do amado, ela decide morrer. Manda

preparar uma fogueira, sobe no alto. Vendo se afastar a embarcação em que Eneias navegava para seu destino, Elisa atravessa o corpo com a espada mortal, num longo e derradeiro grito. Do navio, ele chora o adeus e observa as chamas, sem saber que aquele clarão era a pira funerária de Elisa.

Uma história triste, trágica. Muitas vezes indaguei a mim mesma lendo essa passagem que adoro e que me leva a tantas reflexões: – Teria havido amor verdadeiro entre Elisa e Eneias? A leitura de Coríntios 13 me iluminou quando diz que o amor é sofredor, bondoso; que não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se agrada da injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Que lindo ideal. Que estrela. Não houve amor entre Elisa e Eneias. Houve paixão, atração, orgulho, conflito de interesses pessoais, mentiras, enganos, dissimulações, escândalo e ira de morte.

Como é contrário a si mesmo o amor, diria Camões. Suspiro enquanto folheio o livro todo ilustrado, Rainhas da Antiguidade: Elisa, Cleópatra e Zenóbia, de Dirce Lorimier Fernandes, fascinada pelo drama de Elisa, como eu.

Elisa era o nome da menina. Um belo começo.

## Inah Machado Metello – um pouco da vida e arte de uma grande mulher

MARIA DAS GLÓRIA SÁ ROSA

Inah Machado Metello frequentou a Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, na década de 30. Ali conviveu com artistas renomados como Anita Malfati, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, que estimularam seu gosto pela pintura.

Nos anos quarenta e cinquenta, executou desenhos e pinturas de tendência impressionista nos quais os temas são paisagens campestres e marinhas. O emprego de cores fortes com volume e perspectiva resulta em luminosidade reveladora das tendências da época. Também pintou nus e retratos nos quais utilizou técnicas de óleo sobre tela e madeira e carvão sobre papel. Em todas as suas produções tem-se a impressão de que a mão era guiada pela luz, numa integração entre a autora e a natureza, mas sem a preocupação de fixar contornos, visto que o que lhe interessava eram as vibrações dos seres e das coisas.

Escreveu poesias e crônicas sobre fatos do cotidiano, como se pintasse com palavras as emoções que os referentes lhe causavam. Em 1972, foi uma das Fundadoras da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde se destacou pela elegância dos gestos e das ações. Tanto que doou a esse sodalício o terreno onde hoje se constrói a sua sede definitiva.

Mulher de fibra, atuante na comunidade, participou do movimento pela criação do Estado de Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal, com sede em Campo Grande.

Inah era uma mulher além do seu tempo, que viajava frequentemente para o exterior. Visitava museus, assinava revistas estrangeiras para estar atualizada em arte. Foi também uma pioneira no terreno das artes cênicas. No tempo em que o exercício do teatro era vedado às moças de família, participou ao lado de amigas de duas peças: A Morgadinha de Val Flor, de Júlio Dinis, encenada em 26 de agosto de 1923 no Cinema Central de Campo Grande; e A Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas.

Gosto de lembrar sua figura alta, de gestos enérgicos, leves vestidos de seda, sapatos de salto, como se estivesse sempre preparada para uma festa. Os olhos, ocultos por grandes lentes escuras, tinham perdido o brilho e já não apreendiam o mundo com a facilidade de antigamente, quando a vi nos últimos tempos. Preparava-se para visitar a Índia, no cumprimento de um sonho acalentado há longos anos, quando partiu, para desenhá-la e descrever outras paisagens, com a força surpreendente que a eternidade confere aos que transformam a vida num canto de amor à Arte.